

Sábia decisão

O clima internacional mudou totalmente para o Brasil nas últimas 48 horas: conseguimos recuperar no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) um crédito perdido, recebemos o apoio de Washington para acelerar o processo da negociação como o Clube de Paris e decidimos iniciar imediatamente com o Fundo Monetário Internacional (FMI) conversações que, dias antes, parecíamos querer adiar ao máximo. Ao que parece, trata-se de frutos de dupla pressão: em primeiro lugar a do próprio presidente Fernando Collor de Mello, convicto de que o confronto com a comunidade financeira internacional ameaçava todo o seu programa econômico e, em segundo, a dos governos dos países credores, que fizeram ver à ministra da Economia que uma demonstração de boa vontade poderia mudar totalmente o clima internacional em nosso favor.

Há que reconhecer que a mudança de atitude das autoridades brasileiras foi até mais rápida do que se poderia imaginar. Ontem pela manhã a ministra Zélia Cardoso de Mello já podia dizer, diante do Comitê Interino do FMI, que pretendia iniciar o mais cedo possível a negociação com esse organismo. À noite, anunciava que as conversações já haviam começado, uma vez que a missão do FMI que se encontrava no Brasil para proceder à análise rotineira da situação econômica do País já se aprestava a discutir os termos de uma carta de intenção. Tão repentina reviravolta não se explica apenas pelas informações que a ministra recebeu do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus.

A primeira descoberta da ministra foi que, no plano externo, tudo estava intimamente ligado: um acordo com os bancos sobre o principal não poderia ser concluído sem a obtenção de um crédito stand by do FMI. Por sua vez, tal acordo era necessário para que se pudesse negociar com o Clube de Paris e obter o apoio das agências oficiais. Para sair do impasse havia uma única

solução: iniciar paralelamente, com todos os interessados, a renegociação. Na realidade tal tática nos é muito favorável, por nos permitir ter uma visão conjunta das vantagens que poderemos obter, ao mesmo tempo em que nos obriga a escolher uma política única que não terá de mudar a cada interlocutor por causa da evolução da conjuntura econômica. Não há dúvida de que a peça-mestra desse edifício fica no FMI, cujas exigências são bem conhecidas, tendo por fundamento a aceitação de uma política ortodoxa que até agora procuramos mesclar a medidas heterodoxas que têm por inconveniente o apequenamento dos efeitos esperados das primeiras. Na realidade, o que a professora Zélia Cardoso de Mello fez em Washington foi reconhecer que o Brasil não possuía uma economia única no mundo, incapaz de reagir como as de outros países. Não acreditamos que o diretor-gerente do FMI se tenha comprometido a mudar as normas da sua instituição, que, ao longo dos anos, atingiram um grau de flexibilidade impensável na década dos 50. O FMI aprova o discurso do presidente Collor, pretendendo apenas nos ajudar a transformá-lo em realidade. Ninguém, no mundo, está interessado em ver o Brasil na triste situação de maior nação subdesenvolvida. Ao contrário. Era necessário que déssemos o primeiro sinal de boa vontade. Quanto seria útil se nossos congressistas viajassem não para Washington, mas pelo menos para o México, para se convencer de que a ortodoxia pode dar bons frutos...

